

# RELATOS AFETIVOS, FOTOGRAFIAS E LEMBRANÇAS EM ABISMO: TRAÇOS IDENTITÁRIOS E CULTURAIS DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS DE SÃO JOÃO DEL-REI

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kátia Hallak Lombardi (UFSJ)<sup>1</sup>

## Resumo:

Minas Gerais recebeu um número significativo de imigrantes italianos após a abolição da escravidão em 1888. Em São João del-Rei, situada na região das Vertentes, foi montado um núcleo colonial para abrigar famílias vindas da Itália. O período de migração durou várias décadas e, aos poucos, os italianos adaptaram-se à rotina do novo lar. A partir de fotografias e de relatos orais de membros das famílias Longatti e Tortoriello, neste artigo são investigadas transferências identitárias e culturais entre diferentes gerações de imigrantes italianos estabelecidas em São João del-Rei. O pensamento de Walter Benjamin reforça que histórias em processo de esquecimento podem ser lembradas, modificadas, transformadas pela memória. O conceito de pós-memória elaborado por Marianne Hirsch é utilizado para dar voz às lembranças vívidas e fragmentadas das gerações que sucederam à dos que imigraram. Já as teorias de Homi Bhabha são usadas como base para as reflexões sobre identidade e hibridismo cultural.

**Palavras-chave:** imigração italiana; fotografia; relato oral; memória; cultura; identidade.

## 1- Introdução

No Brasil, como forma de suprir a demanda de mão de obra nova – gerada após a abolição da escravidão em 1888<sup>2</sup> – foi alavancado um programa de estímulo à imigração, principalmente de europeus que corroboravam os interesses das políticas migratórias vigentes no país. Um dos fluxos migratórios mais intensos foi o de italianos. De acordo com Oliveira (2000, p. 37), de 1861 a 1950, o Brasil recebeu 1.533.047 imigrantes naturais da Itália. Embora o principal destino deste grupo tenha sido a região sul do país e o estado de São Paulo, Minas Gerais recebeu um número expressivo de italianos no final do período imperial.

Na cidade mineira São João del-Rei, nessa época, começaram a chegar os primeiros imigrantes italianos. O período de migração prolongou-se por várias décadas e, aos poucos, as famílias foram se adaptando à vida social, cultural e econômica da cidade, em muitos casos, procurando manter hábitos da terra natal. Na atualidade, o que as gerações seguintes guardam

---

<sup>1</sup>Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo e membro docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: katialombardi@ufsj.edu.br

<sup>2</sup> O Brasil passou por um lento processo abolicionista. Em 1850, a Lei Eusébio de Queirós declarou o fim do tráfico negreiro e, somente em 1871 foi aprovada a Lei do Ventre Livre. A abolição oficial da escravidão ocorreu no dia 13 de maio de 1888, quando a Lei Áurea foi sancionada pela Princesa Isabel.

da cultura de seus genitores? Como as famílias de imigrantes italianos transmitiram/transmitem suas experiências, seus costumes para seus descendentes?

A proposta do presente artigo é, a partir de histórias colhidas por meio de fotografias e relatos orais, investigar transferências identitárias e culturais entre diferentes gerações de imigrantes italianos estabelecidas em São João del-Rei. A ideia é olhar a história por meio de fotografias e relatos fragmentados, descontínuos – um viés original que escapa à versão oficial da história da imigração italiana no Brasil. As fotografias e os relatos aqui funcionam como operações da memória que dão voz aos descendentes de imigrantes italianos e apontam singularidades em suas narrativas.

Trata-se de articular a temporalidade do índice fotográfico e os relatos orais à questão da experiência histórica que, de acordo com Walter Benjamin (2007), é marcada pela heterogeneidade, pelo inacabamento, pelo tempo fragmentado e pela descontinuidade. Paratratar das memórias de segunda e terceira gerações de imigrantes italianos, utilizamos o conceito de pós-memória elaborado por Marianne Hirsch (2012). Já as questões sobre identidade e o conceito de hibridismo cultural formulados por Homi Bhabha (2013) dão aporte teórico ao *corpus* selecionado: os relatos orais dos descendentes de imigrantes italianos, os irmãos Onézio, Ernesto e João Longatti e Paulo Tortoriello.

## **2- A chegada dos imigrantes italianos em São João del-Rei**

O cenário que possibilitou o processo migratório era conveniente para os dois países. A Itália, após o processo da unificação na segunda metade do século XIX, vivia um período conturbado, marcado por uma economia debilitada e agravado por problemas de superpopulação, miséria e doenças. Já no Brasil, aos olhos do governo, sobravam terras e faltavam trabalhadores. O problema da mão de obra começou principalmente depois da abolição do comércio de escravos, em 1850, e acentuou-se devido à expansão das lavouras de café que ocupavam áreas cada vez maiores. O interesse em atrair imigrantes europeus estava relacionado, entre outros fatores, a preconceitos raciais. A elite brasileira, bem como o governo, apregoavam a “superioridade” dos europeus frente a negros e indígenas, daí a tentativa de “branqueamento” do país.

Como parte da política migratória, muitos núcleos coloniais foram criados em todo o país. Um deles foi montado em São João del-Rei, cidade situada na região das Vertentes, às margens do Rio das Mortes, cuja história remonta o período de intensa extração do ouro em Minas Gerais. De acordo com o pesquisador Jorge Silva de Oliveira (2000), a cidade, beneficiada com a inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas por Dom Pedro II, em

1881, estava em pleno desenvolvimento. Esse teria sido um dos argumentos utilizados pelos políticos locais ao pleitearem a construção do núcleo colonial.

Em novembro de 1888, segundo Dauro José Buzatti (1988), 325 imigrantes italianos vieram para São João del-Rei para trabalhar nas fazendas da região. No dia 3 de dezembro de 1888, chegaram os primeiros 102 colonos, provenientes do norte da Itália, constituindo 22 famílias destinadas ao núcleo colonial que ainda estava por ser construído. No dia 18 do mesmo mês, já estavam instalados 371 colonos na área destinada ao núcleo. Outros grupos de colonos foram chegando sucessivamente. A Várzea do Marçal, ex-fazenda de José Theodoro, foi o local destinado a abrigar o Núcleo Colonial de São João del-Rei. A promessa era a de que as famílias receberiam terra, moradia e sustento para se estabelecerem nessa área rural. Apesar de terem sido recebidos festivamente pelos moradores, a vida foi bastante difícil para os imigrantes nos primeiros anos. A cidade organizou-se mal, houve surto de varíola e atraso na construção das casas na colônia. Muitas famílias, ao se depararem com as dificuldades de se estabelecerem no núcleo, preferiram ir viver na região urbana e arriscar em ofícios que muitos já realizavam na Itália, tais como sapataria, alfaiataria e barbearia. Foi um período árduo e de muito trabalho. Algumas famílias regressaram ao país de origem, outras prosperaram e fixaram-se na nova cidade. Perguntamos, então: O que permanece da cultura e dos hábitos da terra natal na vida dos descendentes de italianos em São João del-Rei?

### **3- Relatos afetivos, fotografias e lembranças em abismo**

A partir das rodas de conversas, cercadas de fotografias, com os irmãos Onézio, Ernesto e João Longatti e com Paulo Tortoriello –respectivamente, netos e filho de imigrantes italianos – procuramos identificar heranças culturais transmitidas por seus antepassados que perpetuam nas segundas e terceiras gerações de suas famílias.

As fotografias emolduradas ou guardadas em envelopes, caixas e álbuns de família serviram como ativadoras da memória dos participantes da pesquisa, auxiliando-os a relembra suas histórias, ainda que parcialmente. Diante das imagens, esses descendentes de imigrantes aprofundaram-se na espessura das narrativas do passado, reatualizando-as por meio das palavras.

Segundo a perspectiva benjaminiana (1996), a imagem não guarda apenas elementos do passado, mas a promessa do futuro. Ao mesmo tempo em que a imagem fotográfica é o traço material que exhibe o *isso-foi* (BARTHES, 1984), é também traço do que poderá vir a ser, se salvo da destruição que o ameaça. Se estamos diante de uma fotografia, sabemos que algo já ocorreu, e o que observamos são marcas, vestígios do passado. Nesse sentido, o vestígio é a

matéria da fotografia, o que estabelece o elo entre o evento e a imagem. Contudo, a visão que a fotografia oferece é sempre fragmentada, no sentido de que o que está ali é o que sobrou, um resíduo. O vestígio, então, é o que resta de um acontecimento que já passou. Ele tem valor de prova, testemunhal – ainda que passível de modulações a cada imagem.

Associados às fotografias, os relatos afetivos e identitários coletados neste trabalho não reafirmam histórias lineares e oficiais, ao contrário, voltam-se para um lugar de memória mais íntimo e subjetivo. Buscam-se singularidades do passado apoiadas em operações da memória. Para Ecléa Bosi,

o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária, e no que lembra e no como lembra, faz com que fique e o que signifique. (BOSI, 2016, p. 31)

Em *Espaços da recordação*, Aleida Assmann (2011) coloca em discussão as formas e transformações da memória cultural. Para Assmann (2011), a memória cultural está relacionada à memória formativa, à tradição cultural em geral. A memória cultural supera épocas e é por meio dela que o indivíduo se vincula a uma nação ou região específica. Segundo Assmann (2011, p.19), se, por um lado, os processos de recordação ocorrem espontaneamente no indivíduo e seguem regras gerais dos mecanismos psíquicos, no nível coletivo e institucional esses processos são guiados por uma política específica de recordação e esquecimento. Trata-se da interseção entre as histórias particular e social.

Pensando com Benjamin (1996), o esquecido pode ser reencontrado pela memória, não de maneira inalterada, mas a partir das lembranças que podem também modificá-lo ou acrescentar algo. De acordo com Benjamin, a lei do esquecimento também dita a obra, “pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1996, p. 37). Como, então, caracterizar a experiência daqueles que relembram acontecimentos que foram transmitidos, mas não necessariamente vividos por eles próprios?

Marianne Hirsch (2012) elaborou o conceito de pós-memória para evidenciar essa memória preservada mesmo com a distância geracional. Segundo Hirsch (2012), a pós-memória diz respeito à experiência daqueles que cresceram dominados por narrativas que precederam seu nascimento, experiências que lembram, mas que não vivenciaram. É uma estrutura de transmissão que opera sob influência da conexão pessoal e da força afetiva. A pós-memória está relacionada ao modo como as gerações subsequentes recebem essas

memórias, pelas histórias da família, por outras pessoas, pela mídia, por livros, museus, entre outros. Trata-se de uma transmissão múltipla, podendo ocorrer até mesmo por atos não verbais, pela linguagem do corpo, principalmente dentro de um espaço familiar.

A pós-memória evidencia experiências transmitidas de modo tão profundo e afetivo que parecem constituir memórias de próprio direito. Para Ribeiro e Vecchi (2018, p. 206), “a pós-memória é, em si, a recusa das gerações seguintes, em colocar um ponto final na história”. A pós-memória seria a memória da memória, uma memória em abismo (RIBEIRO; VECCHI, 2018, p. 204). Ou, como denominou Beatriz Sarlo (2007, p. 90): “lembranças em abismo”.

#### **4- Longatti e Tortoriello: traços identitários e culturais nas gerações presentes**

A família Longatti foi uma das primeiras a ocupar, ainda no século XIX, a Várzea do Marçal, local que foi construído o Núcleo Colonial de São João del-Rei. Já os primeiros imigrantes da família Tortoriello chegaram em Minas Gerais somente nas primeiras décadas do século XX. Depois de mais de cem anos do início da migração dessas famílias, ainda é possível evidenciar traços identitários e culturais nas gerações presentes?

De início, é preciso ressaltar que os descendentes das famílias que vieram da Itália para o Brasil são marcados por costumes heterogêneos, resultantes do cruzamento de duas nações com particularidades distintas. Tomamos de empréstimo o conceito de hibridismo cultural<sup>3</sup>, formulado por Homi Bhabha (2013), para situar esses imigrantes italianos e seus sucessores na condição de sujeitos culturalmente híbridos e plurais, já que passaram pelo movimento de cruzar e viver entre fronteiras culturais.

De acordo com Bhabha (2013), o hibridismo cultural não deve ser entendido como uma síntese dialética que soluciona conflitos entre opostos originais, misturando-os. O hibridismo não é uma mistura, mas sim, uma superposição, uma dupla inscrição. Trata-se de um posicionamento que se esquia de classificações e enquadramentos em polos binários, constituídos a partir de totalizações discursivas e operações de controle. O sujeito que cruza permanece em vários lugares. São espaços que incorporam diferentes culturas, que vão além de o simples estar ou passar de lado, mas abertos para a reorganização, articulação e entrelaçamento de culturas e identidades.

---

<sup>3</sup>Homi Bhabha situa-se entre os teóricos que formularam a crítica pós-colonial contemporânea. Suas análises são direcionadas aos migrantes e refugiados do pós-guerra, pessoas marcadas pela escravidão, violência, discriminação. Fazemos aqui o uso do conceito de hibridismo de Bhabha, porém, com a ressalva de que o contexto da migração dos italianos foi bastante distinto dos exemplos apontados pelo autor. Apesar de todas as dificuldades que enfrentaram, os italianos foram incentivados pelo próprio governo a migrarem para o Brasil e, de um modo geral, foram bem recebidos.

Por essa duplicidade, o hibridismo é ao mesmo tempo uma semelhança e uma ameaça, uma indecidibilidade, que desestabiliza essencialismos e subverte o conceito de originalidade da autoridade por meio da negação, da variação, da repetição e do deslocamento. Para Bhabha (2013, p. 68), o sujeito híbrido é incalculável – “semiaquiescente, semiopositor, jamais confiável – produz um problema irresolúvel de diferença cultural para a própria interpelação da autoridade cultural colonial”.

O híbrido deve ser pensado como uma condição e produção incessante das minorias em lutas cotidianas pela sobrevivência nos entre-lugares da cultura, espaços e tempos de cruzamento de fronteiras e de negociação de signos e significações. De modo que, viver na fronteira significa viver simultaneamente em espacialidades e temporalidades diferentes no presente do cotidiano. Como explica Bhabha (2013, p. 20), “esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Nesses interstícios, onde há superposição e deslocamento de domínios, experiências intersubjetivas e coletivas, é que o valor cultural é negociado. O trabalho fronteiriço exige o encontro com o novo, a reconfiguração do passado, a ressignificação e a construção da identidade. As identidades para Bhabha não são estanques, são ambivalentes, o colonizado está dentro do colonizador e vice-versa. “Viver no mundo estranho, encontrar suas ambivalências e ambiguidades encenadas na casa da ficção [...], é também afirmar um profundo desejo de solidariedade social: Estou buscando o encontro... quero o encontro... quero o encontro.” (BHABHA, 2013, p. 46).

No caso dos imigrantes italianos, suas identidades também estão em negociação. De um lado, são constituídas em sintonia com as referências adquiridas no Brasil, de outro, tentando preservar identidades do lugar de origem. Em um duplo movimento, o que esses sujeitos procuram é deixar de ser *o outro*, sem perder de vista os valores da terra natal. Assim, da cisão do sujeito, de seu lugar histórico de enunciação, emerge um novo.

Trata-se de um movimento heterogêneo, descanonizado, fragmentado, que perambula na errância definido por Bhabha (2013) como tradução e que comunga com a definição de Walter Benjamin:

Tal como a tangente toca a circunferência levemente e apenas num ponto, do mesmo modo que é esse contacto, mas não o ponto, que lhe dita a lei que guiará a sua trajectória rectilínea até ao infinito, assim também a tradução toca o original ao de leve, e apenas naquele ponto infinitamente pequeno do sentido, para seguir na sua órbita própria à luz de uma lei que é a da fidelidade na liberdade do movimento da linguagem. (BENJAMIN, 2009, p. 96)

Nos relatos orais dos irmãos Onézio, Ernesto e João Longatti de Paulo Tortoriello foram esses entre-lugares – onde estão reunidas culturas de origens diferentes e onde tramitam processos de negociação, de tradução, de transferência de valores – que procuramos observar, como veremos a seguir.

#### **4.1- A família Longatti**

Em um dos navios que ancoraram em Santos carregados de migrantes, no final do século XIX, estava o casal Giovanni Longatti e Maria Fracaroli Longatti. Logo que chegaram, vieram morar em São João del-Rei, Minas Gerais. Tiveram 10 filhos – dizem que um deles morreu durante a viagem de navio – e, juntos, passaram a cultivar a terra doada pelo governo na Várzea do Marçal. No Brasil, Giovanni ficou conhecido como João Vital Longatti.

Na segunda geração, um dos filhos do casal, João Domingos Longatti, casou-se com Julia Giarola Longatti e tiveram 14 filhos. Julia, grávida de gêmeas, faleceu durante o trabalho de parto e coube à irmã mais velha, Elza, cuidar dos irmãos. Posteriormente, João casou-se novamente com Maria Margarida Longatti. Três dos filhos de João e Julia Longatti, Onézio (84 anos), Ernesto (82 anos) e João (75 anos), em uma tarde de verão, na varanda da casa de Onézio, retiraram das paredes os quadros com fotografias de seus antepassados e, em uma conversa informal, recordaram como tudo começou, lembraram da chegada dos avós no Brasil, dos dias difíceis de trabalho e da vida no meio rural.

Enquanto os irmãos Onézio e João procuravam reavivar as histórias do passado, Ernesto Longatti, com sua memória aguçada, coordenava toda a conversa. Ernesto, ávido por contar suas lembranças, em uma linguagem bastante coloquial, passava de um caso a outro, sem fazer pausa, sem se preocupar em chegar ao final dos episódios. Como se tentasse costurar retalhos de suas memórias em uma única história, para que não se perdessem. Assim, ficamos sabendo que, quando o navio do avô aportou, eles colocaram uma pinguela para as mulheres atravessarem, mas, nas palavras de Ernesto, “elas balançavam e caíam n’água, os homens entravam na água, pegavam as mulheres e punham elas de volta na terra” (LONGATTI, 2020). Sem tomar fôlego, Ernesto emendou o caso dos imigrantes que nunca tinham visto um afrodescendente. Em seguida, engatou em um relato sobre a mata imensa que cobria Minas Gerais e que, em São João del-Rei, tinham tantos macacos que os imigrantes ficavam assustados, chamavam eles de *homens barbados*.

Narrativas como essas, que permearam o encontro, são fragmentos de lembranças da história dos seus avós e pais. Relatos orais, impulsionados pelos afetos, que foram passados de geração em geração, encurtados, reinventados e em risco de cair no esquecimento, caso não sejam transmitidos para as gerações seguintes. Interseções entre histórias particulares e outras que já pertencem à tradição social.

Naquele tempo, tudo estava por ser feito e diante da necessidade de se adaptarem rapidamente ao novo país, muitos traços de suas origens foram apagados. A língua italiana, por exemplo, era falada entre os imigrantes em casa, as gerações seguintes reconhecem as palavras pela sonoridade, mas não aprenderam a falar corretamente. Como no caso de Ernesto (2020) que, em um momento ou outro do relato, deixava escapar expressões em italiano como: “Capisci?” ou “Vieniqua”.

Era tradições famílias de imigrantes italianos dividirem suas terras entre os filhos, para que eles formassem novas famílias e continuassem morando por perto. Foi assim que deu-se origem à colônia de italianos em São João del-Rei. Muitos membros da família Longatti ainda vivem na terra de seus avós e dão prosseguimento ao trabalho de cultivo da terra com a ajuda dos mais jovens. Embora estejam no mesmo ambiente que nasceram e foram criados, percebemos que muitas informações sobre o passado e a origem de seus genitores estão sendo apagadas. Nos relatos dos três irmãos (2020), observamos divergências de dados e até mesmo ausência de informações sobre os antepassados, por exemplo, quando indagados sobre a cidade ou a região na Itália de onde veio o avô, ficaram reticentes. Posteriormente, por outra fonte, ficamos sabendo que ele era da região do Vêneto.

Lembrando Bhabha (2013, p. 46), “quando a visibilidade histórica já se apagou, quando o presente do indicativo do testemunho perde o poder de capturar, aí os deslocamentos da memória e as indireções da arte nos oferecem a imagem da nossa sobrevivência psíquica”. No caso dos irmãos Longatti, observamos que, quando os dados reais se perdiam, a memória recorria ao imaginário e às subjetividades, que mantinham-se latentes e pulsantes. Na fala de todos os três ficou marcante o carinho e a solidariedade que havia entre os membros da família. Além disso, notamos a importância atribuída aos gestos e atitudes dos seus antepassados, como se quisessem mostrar que tais valores foram preservados e que fazem parte de suas identidades. Por exemplo, em certo momento, Onézio recordou-se: “quando minha avó morreu, meu avô ficou sozinho. Aí, de tarde, meu pai mandava sempre um de nós dormir lá com ele. No dia seguinte, a gente vinha embora, nem café tomava lá. Ele falava, ‘vá com Deus’ e a gente voltava a pé.” (LONGATTI, 2020).



Durante a conversa, enquanto Ernesto citava uma fala do avô – “olha, não precisa de muita terra para viver, o que precisa é saber trabalhar, interessar pela terra, tem que ter amor pela terra” (LONGATTI, 2020) –, Onésio, segurando um quadro pesado nas mãos, olhava fixamente para a imagem dos seus pais entre a moldura. Ernesto reparou na atitude do irmão e, imediatamente, o advertiu: “não fica olhando que você fica triste e tampa a chorar aí. Você é igualzinho eu, chora à toa” (LONGATTI, 2020). Em seguida, virou para João e falou: “você também é molão, chora à toa. Ah, chorar faz bem, Nosso Senhor chorou quando Lázaro morreu” (LONGATTI, 2020). João fez um movimento afirmativo com a cabeça. Onésio, já de posse de outro quadro, apontando com o dedo, foi nomeando cada um dos familiares estampados na imagem. Momentos como esse, nos ajudaram a compreender como as fotografias podem funcionar como gatilho para memória. Evidente também nessa outra fala de Ernesto:

Olhando para esse casal aqui (mostra uma foto), lembro de quando eles iam para o mercado, chamavam nós todo dia uma hora da madrugada, para a gente buscar os animais, para dar o milho, para levar a mercadoria. A gente fornecia o Regimento Tiradentes, a faculdade, a Santa Casa e o Albergue Santo Antônio. Fazia tudo isso com cavalo, depois que nós compramos uma camionete. Nós continuamos a mesma coisa que o papai plantava: era mandioca, inhame, abobora, cenoura, quiabo, qualquer tipo de leguminosa. Fazemos isso até hoje, só que com alta escala, tudo vai para Belo Horizonte. (LONGATTI, 2020).

As dificuldades que a família passou até se estabelecer foi o ponto mais reforçado durante os relatos. A todo instante reforçavam que o hábito de trabalhar muito ainda é mantido. “Trabalhava dia e noite e fazia três colheitas em um terreno, em um ano só, de tanta necessidade que tinha. Não tinha nem dia santo, nem domingo. Nós imigrantes não tem horário para nós. Nós trabalhamos de manhã a noite” (LONGATTI, 2020), contou Ernesto com orgulho. Prosseguindo: “Na época não existia boi. Juntava duas mulheres e dois homens para puxar o arado para arar a terra. Tinha que puxar o arado de pau. Olha pra você ver o que era aquela época” (LONGATTI, 2020). De acordo com os irmãos, a vida se resumia em trabalhar, criar os filhos e ir à igreja. Quando sobrava tempo, cantavam e dançavam. Foi o que relatou João:

No final de semana o vovô gostava muito de fazer baile. Reunia a família, fazia o baile sanfona. Ele fez tanto forró na casa dele que teve que trocar o piso, que era feito de terra sem queimar, então, ele trocou o piso cinco vezes, porque gastou. Dava poeira, ele jogava água. E o povo dançando. Trabalhava muito, mas dançava. (LONGATTI, 2020)

Quando João recordou tempo dos bailes e das sanfonas, o que nos chamou atenção em seu depoimento foi a citação do *fórró*, uma festa popular originária do Nordeste do Brasil que, já naquele tempo, teria sido conjugada aos costumes dos italianos de festejar.

O hibridismo cultural pôde ser observado também nos relatos sobre os hábitos alimentares da família. Os pratos que os avós aprenderam a cozinhar na Itália foram adaptados aos da cozinha local. De maneira que, na família, é comum misturarem pratos italianos com comida mineira. Arroz, feijão e macarrão, por exemplo. O risoto feito com carne de porco cozida, galinha gorda, manteiga e queijo é um dos pratos favoritos dos Longatti. As massas de macarrão, *capeletti*, ravióli e lasanha, todas feitas em casa, também são especialidades da família. O ato de fazer a massa é um dos traços culturais que os fazem sentir mais próximos de suas raízes. Na massa estaria a busca de identidade com uma Itália que conhecem apenas pelos relatos dos familiares. Uma forma romantizada de tentar manter laços com a terra distante de onde vieram os avós.

Em certo momento, Onézio comentou que o avô gostava muito de angu com queijo. Ao passo que Ernesto logo interveio: “eu ia chamar de polenta. Polenta com *formaggio*” (LONGATTI, 2020). A conversa estendeu-se por quase duas horas. Quando a câmera foi desligada, Onézio, Ernesto e João permaneceram sentados, observando e trocando fotografias entre eles, enquanto o dia começava a escurecer.



Os irmãos Onézio, Ernesto e João Longatti com fotografias de familiares. 2020.  
Crédito: Kátia Lombardi

#### 4.2- A família Tortoriello

Rodolfo Giuseppe Tortoriello, nascido em Tortorella, no sul da Itália, chegou ao Brasil em 1914, foi morar com um irmão que já havia imigrado em Juiz de Fora e, logo, passou a ser chamado de José. Depois de três ou quatro anos, veio para São João del-Rei, onde já morava um primo da família Bello, também de imigrantes italianos. José associou-se aos Bello e montaram uma indústria de couro em São João del-Rei. Mais tarde, separou-se dos sócios e tornou-se proprietário da *Curtume Tortoriello Ltda.* O próspero industrial, aos poucos, foi trazendo toda a família da Itália, irmãos, irmãs e os pais que instalaram-se em

umcasarão na *Rua das Fábricas*. Depois, quando José casou-se com Geraldina, da família Menicucci, vinda da cidade de Luca, na Itália, foram morar em outro casarão no centro de São João del-Rei. Tiveram cinco filhos, Geraldina, Marília, José, Paulo e Roberto. Assim, estava formada uma nova família de descendentes italianos, por parte paterna e materna –era costume entre os imigrantes casarem entre si. Paulo Tortoriello(79 anos), um dos cinco filhos do casal, aceitou o convite para relembrar o passado de sua família.

Paulo Tortoriello chegou para o encontro provido de dois envelopes repletos de fotografias, além de cartões postais, certidões e documentos de seus familiares. Para Paulo, as fotografias o ajudam a relembrar os fatos e lamenta que muitas histórias não puderam ser registradas em imagens: “Olhando uma foto do meu tio, da minha tia, eu lembro do que eles faziam. Elas estimulam a lembrança que eu tenho dessas coisas.” (TORTORIELLO, 2020).

No início da conversa, Paulo procurou situar a cidade de onde veio o pai, Tortorella, dizendo que atualmente tem cerca de 1000 habitantes e está situada na *Provincia di Salerno*. Em seguida, passou a enumerar os irmãos de José, seu pai: tio Domingos – o primeiro a migrar –, tio Raphaelle – o único que não veio –, tio João – que assava cabritos –, Monsenhor Francisco Tortoriello – o tio que já veio ordenado da Itália e foi o primeiro padre da Paróquia Dom Bosco, tia Serafina e tia Assunta – a caçula.

Desde o começo do relato foi possível observar o cuidado de Paulo Tortoriello em não deixar informações importantes sobre seus antepassados se perderem. Além das fotografias, documentos comprobatórios do processo de imigração de sua família complementaram suas narrativas. A conversa para ele soou como uma oportunidade de deixar registrado suas histórias, principalmente, para a geração de seus netos.

Essas informações não estão escritas em lugar nenhum. Eu converso, conto muitas coisas para os meus netos. Eles escutam, devem gravar aquilo, né? E, se tiverem oportunidade de ouvir essa entrevista que estou dando aqui, podem usá-la como lembrança minha para futuras gerações. Já que não tem nada documentado, a gravação vai ficar como um documento para os meus netos. (TORTORIELLO, 2020)

Mesmo com todo esse empenho, em algumas situações, percebemos a impiedade do tempo em apagar os acontecimentos. Há certos detalhes que a pós-memória não dá conta de alcançar. O próprio Paulo alertou que poderia cometer alguns enganos nos relatos, principalmente em relação às datas. Quanto perguntado sobre o motivo que o seu pai veio para o Brasil, ele ficou em dúvida e respondeu que talvez tenha sido por influência do tio Domingos, que morava em Juiz de Fora e tinha um curtume também. Paulo também titubeou em relação à data e ao motivo que os avós migraram bem depois que o pai já estava

aqui. “Não sei, talvez tenha sido por causa da guerra. Naquela época, não sei como era a migração, se era proibido. Não tenho lembrança nenhuma.” (TORTORIELLO, 2020).

Da família da mãe, Menicucci, as recordações são ainda mais escassas. Paulo explicou que os avós maternos moravam em Lavras e, na época, eles tinham dificuldade de se comunicar por causa da distância, por isso não tem tanta informação sobre eles. Prosseguiu:

Meus pais contavam muito pouco sobre a vida deles no passado. Eles já eram bem mais velhos e a gente ainda era criança, eu não tenho muitas lembranças dessas coisas, apesar de que eu vivia muito na casa do meu avô. Mas eu não cheguei a conhecer o meu avô e minha avó por parte do meu pai. Os quatro avós eu não cheguei a conhecer. Eu sou de 1941 e não cheguei a conhecê-los. Os meus tios, eu cheguei a conviver muito com eles. (TORTORIELLO, 2020)

Em seus depoimentos, Paulo queixou-se da carência de informações sobre seus familiares italianos. Isso pôde ser percebido, por exemplo, quando ele contou que só recentemente ficou sabendo o motivo pelo qual o tio Raphaelle não conseguiu vir para o Brasil. De acordo com Paulo, Raphaelle viria com os outros irmãos mas, na hora de embarcar, o fiscal olhou a sua documentação e não permitiu que ele entrasse no navio. Paulo não conheceu o tio e se lembra apenas que, quando a sua tia Assunta era viva, eles se comunicavam por carta: “a gente era criança e via quando na mesa tinham aqueles envelopes com selos que vinham da Itália. A gente achava aquilo uma novidade. Então ela lia a carta para a gente” (TORTORIELLO, 2020).

Como na casa dos irmãos Longatti, também na dos Tortorielloos pais e os irmãos falavam em italiano, mas não se preocuparam em ensinar a língua aos filhos, embora eles pudessem compreender tudo que os mais velhos diziam:

Eu não entendo porque que eles não ensinaram italiano para a gente. Na conversa deles, eles só falavam em italiano. Então, éramos criança, nós fomos aprendendo a entender tudo. Tanto é que quando eles tinham que falar alguma coisa que a gente não podia escutar, eles pediam para a gente sair. Porque a gente entendia tudo e não falava italiano. (TORTORIELLO, 2020)

Assim, para os jovens filhos de italianos, em outros ambientes, a língua oficial era o português, já em casa, português e italiano se entrelaçavam. Podemos dizer que aquelas crianças, situadas no entre-lugar – na inseparabilidade dos vestígios do passado e na urgência do presente – passaram por uma experiência cultural híbrida que, de certa forma, as distinguiam de outras da sua idade.

Lembranças da infância com os pais e tios italianos fazem parte do imaginário de Paulo Tortoriello que transbordou afetividade ao tentar descrevê-los. As principais qualidades atribuídas ao pai foram: homem honesto, trabalhador, muito criterioso, que tinha um coração

muito bom. Já a mãe: afetuosa, mas muito severa e excessivamente religiosa. Os olhos de Paulo brilharam ao fazer a seguinte descrição:

As coisas que a gente fazia na casa do meu avô. Como eu não os conheci, meus tios é que conservaram a tradição italiana lá. Eles criavam porcos, cabritos, galinhas, tinha uma horta com as verduras. [...]. A gente levantava cedo no dia que tinha matança do porco e fazia torresmo, tirava banha, guardava carne na gordura, essas coisas todas. E depois a gente ia comendo aquilo, saboreando, era uma maravilha. E meu tio gostava de criar cabrito e ele mesmo fazia a receita e a gente comia. Nunca mais comi cabrito. (TORTORIELLO, 2020)

Nesses relatos, observamos traços da cultura italiana cultivados desde a infância que influenciaram na construção da identidade de Paulo Tortoriello. Em suas falas, percebemos a demanda por identificação com os antepassados. Como escreveu Bhabha:

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha no sujeito, um signo de resistência (BHABHA, 2013, p. 92).

Um rastro resistente, um costume que Paulo cultivava até hoje é o apreço à música italiana. Durante o relato, muito emocionado, ele recordou suas músicas e cantores preferidos:

Meu pai gostava muito de ópera. Eu gostava mesmo era da música popular italiana da época. Tinha cantores como Carlo Bucci, Beniamino Gigli, Tito Schipa, Mario Lanza. Beniamino Gigli tinha uma voz maravilhosa. Até hoje escuto as músicas dele, *Core 'Ngrato*. Do Carlo Bucci, *Cara piccina*. Eu escuto, lembro, tem dia que até choro sozinho. (TORTORIELLO, 2020)

Mas, o tema que perpassou por toda a conversa foi a gastronomia. A maioria das histórias que Paulo contou tinha relação com a comida. O cultivo, a preparação dos alimentos, a produção das massas e dos molhos, as receitas, nada escapou à memória de Paulo Tortoriello, que lembrou detalhadamente as tradições alimentares de sua família: “tipicamente italiana por parte de pai e de mãe”. O pai gostava de fazenda e cultivava verduras originárias da Itália, como, por exemplo, o tomate. Como Paulo contou:

Meu pai cultivava tomate e depois fazia o molho em casa. Guardava o molho no porão de casa, com as safras dos anos. Era um molho muito especial, que ele enterrava no chão, lacrava. A gente ajudava e ficava cozinhando aquilo quatro, cinco horas em um tacho de cobre. A gente comia o macarrão com aquele molho. (TORTORIELLO, 2020)

Na casa dos tios paternos fazia-se muita massa. Foi a tia Assunta que o ensinou a abrir a massa com o rolo, depois enrolá-la e cortá-la com a faca. Faziam todo tipo de massa, espaguete, talharim, *capeletti*, ravióli. Já o tio João gostava muito de criação, matava cabritos, criava porcos. Nessas ocasiões todos participavam e havia sempre uma integração da família. No fim do encontro, já aproximando do meio dia, Paulo contou com satisfação como esses valores ainda são transmitidos de geração em geração:

Hoje eu não faço muita massa, mas tem a minha neta que está fazendo, aprendeu comigo. Para a surpresa minha, outro dia ela me mandou uma foto que eu fiquei muito satisfeito de ver, porque até hoje ninguém fazia o macarrão. E ela fez. Foi lá em casa levar para mim e eu até chorei de emoção. As coisas voltam quando a gente menos espera. (TORTORIELLO, 2020)



Paulo Tortoriello com fotografias da família. 2020  
Crédito: Kátia Lombardi

## 5- Considerações finais

No presente artigo constatamos a importância das narrativas orais, impulsionadas pelas fotografias, para recobrar histórias da imigração italiana em São João del-Rei. As fotografias e os relatos orais foram instrumentos fundamentais para a realização dessa pesquisa e, se pensarmos em um sentido mais amplo, eles podem ser utilizados para outras operações de difusão e preservação da memória, da história e da cultura.

Lembramos Walter Benjamin (1996), ao caracterizar o vestígio como traço, como possibilidade de restituir a memória a partir do que permanece. Pela memória são feitas as reconexões entre o tempo presente – que é o tempo da lembrança – com o passado – onde busca-se as recordações. Os relatos seriam então uma forma de externar as histórias lembradas, de superar esquecimentos e de reelaborar significações.

Nos relatos orais de segunda e terceira gerações de famílias de imigrantes italianos constatamos a presença de traços identitários e culturais de seus antepassados. Assim, por meio das lembranças dos irmãos Onézio, Ernesto e João Longatti e de Paulo Tortoriello, apontamos relações entre as culturas italiana e brasileira presentes nos afazeres cotidianos, nas tradições alimentares, no trabalho, na língua e na fala, na música, na religião, nas formas de festejo e nos valores éticos.

Situadas em entre-lugares, as gerações que viveram ou ouviram as histórias dos pais e avós adaptaram-se à cultura do país que os receberam. Fundadas em afetos e subjetividades, as lembranças relatadas pelos membros das famílias Longatti e Tortoriello são formas de manter o vínculo com o passado e de efetuar transferências culturais. São vestígios de histórias que não cessam de se reconfigurar.

## 6- Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. P. 82- 98.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas, v. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. N [Teoria do conhecimento, teoria do progresso]. In: BOLLE, Willi (Org.). **Passagens**. Walter Benjamin. Tradução Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 499-530.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BUZATTI, Dauro José. **Raízes Italianas em São João del-Rei.1888**. Belo Horizonte, 1988.

HIRSCH, Marianne. **Family frames**: photography, narrative, and postmemory. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

LONGATTI, Onézio; LONGATTI, Ernesto; LONGATTI, João. Entrevista concedida a Kátia Hallak Lombardi. São João del-Rei, 22 fev. 2020.

RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto. Patrimônio/patrimônios: comunidade, língua e pós-memória1. In: DOMINGUES, Ivan; VECCHI, Roberto (Orgs). **Léxico Conceitual Brasil-Europa**. Memória Cultural e Patrimônio (Vol 1). Belo Horizonte, Fino Traço Editora. 2018.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo-Belo Horizonte: Companhia das Letras/Editora da UFMG, 2007.

TORTORIELLO, PAULO. Entrevista concedida a Kátia Hallak Lombardi. São João-del-Rei, 10 e 31 jul. 2020.